

A MUDANÇA NA CULTURA - IDENTIDADE, INTERCULTURALIDADE E HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL

José Gabriel Pereira Bastos

Para todos aqueles que, em busca de uma segurança imaginárias, e agarram a grandes frases estabilizadoras, em que avulta a palavra civilização e, sobretudo, «**civilização ocidental**», ou «**euro-americana**» e ,de algum modo se identificam ou promovem o «orgulho branco», o mundo, na sua história recente, tem-se mostrado muito mais instável e ingrato do que desejariam.

Não que tenham abdicado desse **projecto de «americanização» do mundo** que eufemisticamente designam de «globalização», atrelando a velha Europa ao comboio americano, ou atirando a «nova Europa» contra a «velha Europa» e continuando a emitir pseudópodes, sob a forma de governos-fantoches que ensaiam controlar as zonas mais rentáveis ou geo-estratégicas do mundo nos diferentes continentes e oceanos.

Não conseguiram, no entanto, entravar alguns processos que agora não conseguem controlar. A descoberta paralisante de que os seus «primitivos» ou «inferiores», internos ou externos, não só não os admiravam como até mesmo os odiavam, pôs fim ao **mito fordiano do «melting pot»**, o qual supostamente tornaria em «americanos» os imigrantes de todo o mundo¹ que acorriam ao novo Eldorado. Como se viu mais tarde, não havia «melting pot» algum, os afro-americanos, os asiáticos e os judeus não eram «assimilados», os conflitos raciais estalaram mais claramente à saída da Segunda Guerra Mundial. E depressa a «Sala Bowl» que se seguiu, aberta a todos os revivalismos étnicos, a partir das comunidades imigrantes que apresentavam

¹ Previamente seleccionados e depurados da escória do mundo, nomeadamente de indesejáveis mediterrânicos e eslavos, católicos ou ortodoxos, a partir do final da Guerra de 14-18.

assinalável persistência cultural. viu emergir um novo estado do mundo - agora orientado pelas «**políticas da identidade**», ao serviço da visibilização dos até aí invisibilizados de aquisição de voz e poder daqueles até aí silenciados, na dupla acepção do termo, em terrenos que desta vez transcendiam a luta de classes e os conflitos raciais, entravam nos domínios da sexualidade e do género, e encontravam uma bandeira e um denominador comum para as feridas e combates da humanidade.

2.Como calculam, não é por acaso que esta **viragem para as políticas da identidade** se deu na arena política norte-americana e não noutro lugar histórico. Terra de imigrantes e de ex-escravos, ao mesmo tempo que apregoava o «melting pot», a América mostrava-se extremamente sensível às diferenças entre as suas elites WASP (*White, Anglo-Saxon, Protestants*) e a pluralização que advinha de uma imigração de muitas e variadas partes e «categorias», parcialmente incontrolada, e rapidamente, à saída da Primeira Guerra Mundial, fechou as portas à emigração mediterrânica e eslava, católica ou ortodoxa, utilizando critérios de **inferioridade civilizacional** atribuída a todos os diferentes. Ao mesmo tempo em que parcialmente ensaiava fechar-se sobre si própria, negando as suas contradições irresolvidas, a América não deixava de querer abrir novos mundos para si, promovendo a liquidação dos impérios europeus, na Ásia e em África, e ensaiando construir, de forma mais ou menos discreta, um Império imaterial que controlassem, militar e/ou financeiramente, toda a América Central e do Sul e grande parte do Pacífico.

3.A **promoção da liquidação dos impérios europeus** revelou, uma vez mais, como a política americana que marca o último século, tem muito da inocência do «aprendiz de feiticeiro», com as suas consequências paradoxais e imprevistas - de retorno à Europa, os ex-colonizadores trouxeram atrás de si, na direcção do Centro do

Sistema-Mundo, um fluxo de «descamisados» e de ex-colonos que julgaram poder utilizar como mão-de-obra barata, isto é, como «trabalhadores-kleenerex» reenviáveis para as origens logo que julgados desnecessários.

Sem nada a prenderem com o que tinha acontecido com os fluxos de «indentured workers» (asiáticos e portugueses) que, no final do século X IX vieram substituir os antigos escravos, trabalhadores contratados esses que nunca regressaram às suas origens, contribuindo para a complexidade multicultural do mundo e, sobretudo, dos lugares onde tinham sido utilizados, **europeus e americanos começaram por estimular a contratação instrumental de milhares de imigrantes periféricos, de «guest arbeiter» e, acabaram inundados por fluxos incontroláveis que, de todos os lados do mundo, acorrem, em crescendo, aos novos Eldorados (Portes).**

4. Face a este **fluxo incontrolado**, que provocava reacções xenófobas, o «Ocidente» começou a jogar à defesa, transformando as suas «praças-fortes» em fortalezas muralhadas. Repetindo a malograda experiência da Cortina de Ferro (e no momento em que se registava um claro aumento da «invasão» chinesa e indiana da Europa), os USA e Israel começaram a erguer milhares de quilómetros de muros electrificados entre si e os seus «Outros» ameaçadores» (contra os Latinos e, mais proximamente, contra os Chicanos que os ameaçavam com a reconquista do Sul que lhes fora espoliado *manu militari* e com a ultrapassagem linguística da língua oficial pelo espanhol; bem como contra os Palestinianos) e as forças da UE ensaiam patrulhar militarmente o Mediterrâneo e o Atlântico, erguendo também eles muros electrificados entre as praças coloniais do Norte de África e os seus «assaltantes» subsaharianos.

5. Nesta **Guerra das Imigrações**, que vem sucedendo à Guerra-fria, o «Ocidente» encontra-se claramente derrotado pelos seus «Outros». A

partir de agora, a **Europa, como anteriormente os USA, com ou sem muros e patrulhas, encontra-se condenada à multiculturalidade, ao relativismo religioso, ao sincretismo cultural, à tolerância face à diversidade de costumes e valores bem como face à miscigenação sexual**, que tanto combateu. Europeus negros, Europeus de origem chinesa, Europeus de origem indiana, Europeus eslavos de religião ortodoxa, Europeus muçulmanos, Europeus de origem sul-americana, Europeus magrebinos virão cada vez mais cruzar-se com os imigrantes locais que abandonaram o mundo rural e confrontar o mundo do «orgulho branco» não só com as suas realizações exigências mas também com as suas promessas insatisfeitas de respeito pelos direitos humanos (Malinowski).

6. Durante tantos séculos ratificado na sua fantasia de superioridade pelo modo como tinha encarcerado e humilhado os seus imigrantes de antanho (Mouros, Judeus e Ciganos) e a partir daí tinha passado a colonizar todo o mundo, o Orgulho Branco perde agora o controlo dos processos que lançara e, embora tentado pela ideia impossível de voltar a expulsar os seus «inferiores» (Huntington, 2004), vê-se forçado a aprender as novas maneiras do relativismo cultural e moral.

7. Esta tomada de consciência que o *Homo Sapiens*, dito Racional, isto é, o macho WASP (*White, Anglo-Saxon, Protestant*) e as suas extensões europeias, se encontra em perigo face a **forças descontroladas** pela sua «missão civilizacional» é um a tomada de consciência parcial, nova e ainda periclitante. Não é só o mundo dos nacionalismos homogéneos que acaba e um novo mundo multicultural que em cada país, ou conglomerado de países, começa, de uma forma que ultrapassa projecto e a vontade nacionais, pondo em cheque o «Orgulho Branco». É também a Civilização que o Homem Branco criou que agora se vê a braços com fortes desequilíbrios na produção de juvenis, com a esterilidade relativa dos mais ricos «senhores do

mundo», em clara decadência demográfica e com explosões demográficas nos continentes longínquos onde a pobreza reina e que, também por isso, se vê obrigada a abrir contra vontade as portas aos seus antigos colonizados, dando origem à «**colonização reversa**» do **Império Branco**, tanto na Europa como nos U SA.

8. Acresce que as **forças actualmente descontroladas** apenas aos fluxos de imigrantes à desequilibrarão dos processos de reprodução; são inúmeras e possivelmente em expansão.

Contra todas as expectativas hegelianas, movidos por processos identitários, aumenta descontroladamente o número e países²; aumentam incontroladamente e de forma exponencial os fluxos circulantes de capitais especulativos, de conhecimentos, de informações, de bens de consumo, de produtos culturais, artísticos e ideológicos; reactivamente, aumenta também descontroladamente a produção social de depressões (a «perturbação» que ameaça tornar-se a primeira causa de morte e invalidez dos USA à China), lado a lado com a produção e comércio de ilusões, drogas e compensações³; como nos avisam os ecologistas, aumenta incontroladamente o consumo sempre acrescido de energias não-renováveis e, *last but not the least*, o fluxo incontrolável de detritos e lesões da capacidade e recuperação da Natureza, até há pouco julgada inesgotável, ao mesmo

² Que, contra todas as expectativas hegelianas passou de 57, em 1900, para 205 na viragem do século, com largas de dezenas de candidatos à espera da desagregação dos Impérios restantes e dos Estados construídos a régua e esquadro pela lógica expansionista das antigas potências coloniais.

³ Mais 600 religiões por ano, só nos USA; o aumento exponencial do recurso a neurolépticos e ansiolíticos, fonte do maior crescimento industrial, em todo o mundo (Illich); o cinema como a maior indústria da Califórnia, a 6ª maior economia do mundo, a religião como a maior indústria do Brasil; o tráfico de drogas e o tráfico de escravos sexuais como duas das maiores indústrias ilegais, lado a lado com o tráfico de armas, etc., etc.

tempo que aumenta a angústia face às dimensões catastróficas da ecologia que produzimos, ameaçando o futuro do planeta e da espécie. O que, num **círculo vicioso**, leva muitas almas sensíveis do Mundo Branco a não quererem reproduzir-se, e a gozar enquanto podem o que julgam ser os tempos finais, o que por sua vez agrava as carências de mão de obra, levando ao aumento dos fluxos imigrantes e assim sucessivamente.

9. A reacção mais nítida em relação a estes **processos de colapso dos ideais racionalistas** parece consubstanciar-se na **emergência de uma nova era governada pela atenção acrescida aos processos e dinâmicas identitárias** e por uma utilização instrumental desses mesmos processos e dinâmicas (por exemplo, na guerra, nas religiões, no Marketing e na publicidade).

Em escritos que distam entre si meio século, Erik Erikson ([1950] 972:274) e Zygmunt Bauman (2001) atribuem a preocupação relativamente recente com os processos identitários às grandes transformações económicas e sociais que destruíram vida comunitária, vulnerabilizaram os sujeitos e as famílias e criaram fluxos de migrações internas e internacionais, até hoje em crescimento, aumentando por um tempo a tolerância face às incertezas. No entanto, enquanto Erikson construiu e desenvolveu o **cluster de conceitos de identidade**, para pensar a reacção à destruição das identidades tradicionais (nomeadamente rurais e tribais) e a construção de identidades no interior de um mundo comunitário relativamente fechado, embora dotado de uma exterioridade «conveniente» à confirmação do bem-fundado do seu relativo fechamento, Bauman pensa as fixações comunitárias como próprias de indivíduos aterrorizados e angustiados, prontos a abdicarem da sua liberdade (2001: 16), no contexto de uma «sociedade líquida» que julga característica de uma pós-modernidade constituída por

indivíduos desprovidos de laços familiares, comunitários e nacionais, desterritorializados, circulantes e cosmopolitas, tal como ele próprio.

10. Na sua teorização sócio-psicanalítica, Erikson expressa uma intuição fundamental quando afirma que **«a identidade é tão importante no nosso tempo como a sexualidade o era no tempo de Freud»**, mas não aproveita a intuição para pensara as transformações pós-modernidade ou para introduzira as alterações que se impõem na antropologia e na teoria psicanalítica. Bauman, como é voga, não teoriza, emite «evidências» sustentadas pela sua «autoridade ensaística» e remete a identidade para um passado comunitário e para uma busca de segurança que as comunidades forneceriam, em detrimento da liberdade individual que, segundo julga, caracterizaria os tempos nascentes.

11. Já Manuel Castells (1997), com uma visão menos «humanística» e mais englobante, reconhece a existência de processos macro-sociais e, sem perder a noção de que está a falar dos mesmos tempos de que fala Bauman, declara que **«o nosso mundo e as nossas vidas estão a ser modelados pelas tendências conflituais da globalização e da identidade (...) [numa] nova forma de sociedade, a sociedade em rede»** (Castells, 1997: 1), em tudo diversa da «sociedade líquida» anunciada por Bauman.

Mais ainda, Castells reconhece que «isso não é tudo o que há a dizer. Lado a lado com a revolução tecnológica, com as transformações do capitalismo, e com a quebra do poder dos Estados, afirma, «vimos surgir, no último quarto de século, um pouco por todo o lado, **a emergência de poderosas expressões das identidades colectivas, que ameaçam a globalização e o cosmopolitismo em nome da singularidade cultural e do direito dos povos ao controlo das suas vidas e do seu meio ambiente»** (idem:2)

12. Por todas estas razões e por muitas outras, **a Identidade tornou-se o conceito mais utilizado nas ciências sociais e humanas, do pós-guerra aos nossos dias.** Conceito transversal às disciplinas, aparentemente psicológico e, no entanto, insubstituível para conceptualizar os processos políticos e sociais, o conceito tornou-se de tal forma indefinido e vago que muitos começaram a exigir q sua irradicação, tanto mais que parecia pôr em causa as teorias materialistas, as teorias sociológicas transcendentais, as teorias do interesse racional (com a sua análise de custos e benefícios) e as teorias do poder, até aí hegemónicas, e dissolvia a dicotomia indivíduo-sociedade, articulando os dois pólos de um modo criticado como idealista, uma vez que reconhecia a existência dos sujeitos e grupos sócio-históricos de sujeitos, em competição com outros, como agentes da construção do mundo, através da dinamização dos seus processos identitários.

13. Mas afinal, de que é que falamos quando falamos de identidade o que é que isso pode ter a ver com os novos estados do mundo e com a museologia?

O que importa aqui reflectir não é tanto, desde já, a relevância que os processos identitários têm na fase actual da história, tanto mais que, desde o início, não nos referimos a outra coisa, mas ao facto de que, **como conceito, a identidade é um processo multidimensional, que depende do tempo em que é conjugado, articulando entre si o passado, o presente e o futuro, ao mesmo tempo que dissocia os espaços, as instituições e as categorias sociais. Deste modo, a Identidade é um processo não-transcendental e em aberto, que tem sujeitos, pessoais, categoriais ou sócio-históricos** (consoante o nível de análise), e os constitui como sujeitos no acto em que eles constituem processualmente as suas identidades multifacetadas, parcialmente enraizadas na biografia e na história e parcialmente

contingentes às situações vividas, através de processos de negociação, identificação e selecção.

14. Assim, quando o conceito de Identidade é orientado para o passado, para as raízes nacionais e familiares e para as memórias estruturantes, a Identidade inclui não apenas o **Orgulho Genealógico** e a pertença a grupos e locais valorizados mas também os afectos associados à perda inevitável desse mesmo passado, o que dá origem a um tipo clássico de **museologia da nostalgia**: aquela que visa conservar os restos da História e das biografias para permitir a revitalização de uma «pertença» e a reconstrução imaginária vantajosa das histórias identitárias dos seus detentores. Muito ligada à disciplina novecentista do *Folk-Lore*, esta museologia da nostalgia luta contra a morte do passado, ensaiando presentificá-lo como um projecto de futuro momentaneamente subalternizado no presente, o que, como se sabe, alimenta todos os revivalismos e fornece a base de todas as essencializações que tentam bloquear a inevitável chegada da mudança ou procedem à sua imediata museologização para magicamente mobilizar a mudança num tempo resguardado.

15. Numa segunda dimensão da temporalidade, num mundo virado para um futuro concebido como negação do passado, convenientemente representado pela Diferença regressiva que menoriza esse mesmo passado, o conceito de Identidade tem, hoje mais visivelmente, **uma dimensão fundamentalmente orientada para o presente, para a comparação competitiva e para a construção de Diferenças material ou imaginariamente vantajosas para os sujeitos e para os seus grupos de extensão identitária.**

Enraizada em processos emocionais que se apresentam como processos cognitivos, uma vez que são estruturados por binarizações, e suportada por Línguas concebidas como sistemas de diferenças (Saussure, 1916), a Identidade apresenta-se então **como uma**

binarização entre o Eu e os seus Outros, entre o Mesmo e a Diferença, em busca de um Imaginário de Superioridade que obriga a inferiorizar e denegrir esses mesmos Outros, tanto no nível interpessoal como no nível intergrupai (dos grupos sócio-históricos, aos Partidos, às Igrejas e aos Clubes desportivos) ou no nível intercategoriai (dos géneros e das gerações às profissões aos locais de origem). Associada ou não à Identidade Genealógica, enraizada na história e nas biografias, esta **Identidade Facciosa** (como nos propomos designá-la), eminentemente política, conducente à pseudo-especiação da espécie humana, a que se refere Erikson (1867), tem dominado a (má) consciência dos seus teóricos, que tentam os impossíveis para destruir o conceito, uma vez que não conseguem conciliar as exigências da Diplomacia e da Ética com as pulsões do Orgulho Racial, a que tantos atribuem fundações objectivas nos campos da Inteligência, da Tecnologia, da Filosofia, da Civilização, da Genética ou da Força Militar (alternativa ou conjuntamente, consoante os retores).

Enganam-se, no entanto, aqueles que julgam que a Identidade Facciosa, na sua processualidade, recorre a fundações objectivas e, portanto, cria os fundamentos de hierarquizações intergrupais e interpessoais estáveis e reconhecidas por todos. Bem pelo contrário, a Identidade Facciosa é uma das maiores fontes tanto do conflito e da instabilidade internacional, social e interpessoal como da criatividade sócio-histórica, na medida em que obriga a um jogo retórico infinito de ataques e defesas, de auto-elogios e de atribuições de inferioridade, de **discursos civilizacionais pseudo-científicos** que afirmam os critérios que lhes são favoráveis e constroem acusações e de discursos morais que invertem esses mesmos critérios e que os contra-atacam para reverter essas acusações com acusações de uma outra índole (Bastos e Bastos, 2005, 2007).

16. Dado o malestar provocado pela dimensão facciosa da Identidade é, bem provável que ela tenda a não se expressar intensamente a Museologia, se não de forma muito indirecta, como **Museologia Nacionalista ou Regionalista** e, quase que certamente, dando muito pouco espaço ao jogo de resposta identitária dos colocados em desvantagem pelos critérios e poderes dominantes.

Se, seleccionando com oportunidade os seus critérios para expor a vulnerabilidade do Outro, um português cigano pode dizer com orgulho, face a uma plateia de universitários portugueses, que «Há ladrões entre os ciganos, mas entre vocês há mais; há ciganos que consomem e traficam droga mas entre vocês há mais e foram vocês que meteram os ciganos na droga; mas vocês têm pedófilos, e nós não!», poderemos apercebermo-nos da eficácia simbólica deste **jogo inter-identitário de acusações civilizacionais e morais**, mas rapidamente consciencializaremos que os portugueses maioritários têm direito a muitos museus que constroem a imagem da sua dignidade e valor e os portugueses ciganos, que não e calam, não têm direito a nenhum museu que seja seu - o que quer dizer que, na dimensão identitária que essencialmente vincula, **a museologia inconscientemente facciosa deve ser pensada criticamente tanto como um espaço de promoções identitárias como um espaço de invisibilizações, silenciamentos e exclusões, acompanhando nisso a ideologia identitária hegemónica.**

17. Finalmente, e numa terceira dimensão, a mais dinâmica e integrativa, a Identidade é melhor definida como **o processo de luta pela construção em aberto de um espaço e de uma história de vida auto-realizadora ou, senão tanto, respeitada e valorizada a partir de critérios seleccionados pelo próprio sujeito e/ou pelos seus grupos de extensão identitária, também eles em luta pela construção de uma história auto-realizadora ou, pelo menos,**

respeitada, sendo que esses critérios podem variar contextualmente, num mundo previamente hierarquizado diferenciado quanto aos desafios que impõe e às oportunidades que proporciona.

18. Enquanto **processo em aberto, enquanto projecto e forma da luta pela auto-realização, nomeadamente grupal e através de grupos em competição por recursos escassos, tanto materiais como simbólicos, tanto políticos como culturais**, num mundo cada vez mais complexificado do ponto de vista identitário pela aceleração de fluxos de pessoas culturalmente diversas que se cruzam e justapõem em espaços eles próprios em mudança cultural acelerada, **esta Identidade existencial, sobretudo quando utiliza a favor da sua luta a Identidade Facciosa, pode ser manipulada para atirar uns grupos contra os outros, lançando o mundo no Conflito das Civilizações** (Huntington, 1996) **e dos confrontos raciais.**

Aparentemente, a tomada de consciência desta terceira dimensão dinâmica do conceito de Identidade, e dos perigos a que pode conduzir, poderia convidar a **uma Museologia conducente à Valorização da Diversidade, da Tolerância, do Respeito Mútuo e da Reconciliação**, susceptível de dar Voz, Espaço e Imagem aos grupos sociais mais invisibilizados ou marginalizados, reintegrando-os no imaginário dominante, e essa seria uma proposta próxima das Políticas da Identidade da New Left americana.

19. Acontece que os tempos vão mais avançados e muita coisa aconteceu dos anos 60 até hoje. As revoluções tecnológicas recentes desmaterializaram em grande parte a dimensão mais imediatamente interpessoal dos processos identitários, nomeadamente através da Televisão, do telemóvel e da Internet, criando sobretudo entre os mais jovens a necessidade de construírem as suas identidades de forma mais agenciada, através da produção instável de redes Hi5, da simulação precária de personalidades heterónimas em Chats de

ocasião, da busca de experiências identitárias momentâneas que passam por pôr em risco as identidades desejadas, ou da apresentação exibicionista dos seus vídeos e proezas no You Tube, face a todo o mundo e ninguém, mas sempre espera de um eco de reconhecimento.

Estes **novos tempos da comunicação virtual** parecem exigir algo novo à museologia: uma museologia menos monumental e organizacional mas capaz de **treinar as novas gerações para a construção virtual dos seus próprios museus**, a partir das famílias, dos grupos de pertença, das redes e das biografias pessoais, permitindo uma elevadíssima flexibilidade à construção, interligação e renovação desses museus virtuais, capazes de conectar gerações da mesma família, colegas da mesma instituição, adeptos dos mesmos desportos ou grupos desportivos, crentes das mesmas igrejas ou partidos, «filhos» das mesmas aldeias ou bairros, em processos de acumulação de emblemas e memórias e de processos de auto-exposição, reforçadores da autoconfiança e da auto-estima num mundo que cada vez mais ameaça os indivíduos de dispersão e anonimato ao mesmo tempo que os tantaliza com promessas de fama fácil.

Será possível, desse modo, vir a contornar os malefícios da globalização transcendental, naquilo em que ela possa ser vista como um processo hegemónico e homogeneizante, na medida em que **a criação imanente e sempre renovada de museus virtuais de sujeitos, grupos e redes de sujeitos, eles próprios sempre em processo de renovação, num mundo de fluxos**, ou na «sociedade líquida» e sem fronteiras antecipada por Zygmunt Bauman, reforçaria a **diversidade necessária à construção da multiplicidade de espaços identitários em que o máximo de auto-afirmação tenderia a coincidir com o mínimo de colisões identitárias**.

XII ATELIER MINOM INTERNACIONAL - 26 de
Outubro de 2007

«Museus e Sociedade – agarrar a mudança: que acção? Que
pensamento comum?»

José Gabriel Pereira Bastos

jose.bastos@fcsh.unl.pt